

Domingo, 23 de outubro de 2011 21H43 [GMT+ 1]

## NÚMERO 67

*Eu não teria perdido um seminário por nada no mundo*— PHILIPPE SOLLERS

*Nós ganharemos, pois não temos outra escolha* — AGNÈS AFLALO

[www.lacanquotidien.fr](http://www.lacanquotidien.fr)

---

# Lacan Quotidien



Para assinar o apelo « Libérez RAFAH ! Du Raffut pour Rafah ! », clicar no link:

<http://www.lacanquotidien.fr/blog/Appelpourrafah>

...



## ▪ SEM NOTÍCIAS ▪

### **TEXTO Nº1 PROPOSTO À RUBRICA REBONDS, por Carole Dewambrechies La Sagna\***

Ao *Libération*, quatro notas em sequência à publicação, no número datado de 1º e 2 de outubro, de um artigo intitulado « Como formar psicanalistas equilibrados? »

1) **Judith Miller não é psicanalista**, e nunca foi. O argumento que é o nervo do artigo tem então suas premissas falsas. O problema não é formar psicanalistas calmos e equilibrados. A « cientificidade » que a Srta. R. alega nesse artigo é singularmente prejudicada.

2) **«Que os próximos de Lacan se sintam perseguidos é assunto deles, não o meu. Do ponto de vista científico e historiográfico a obra de Lacan pertence a todo mundo e tem-se o direito de comentá-la de maneira múltipla ».**

Sempre é estranho afirmar que não se tem nada a ver com o sentimento que se inspira. Se os próximos se sentem perseguidos, é porque têm razões para isso. A psicanálise, Freud de início, nos ensina que é assim que é preciso tomar os fatos: se o melancólico pensa que é culpado, ele tem boas razões para isso. Cabe a nós encontrar quais são. Se um grupo se sente perseguido, como afirmar que é problema dele?

Quem são « os próximos de Lacan » ? A Srta R. pensa manifestamente que se trata de um pequeno grupo que se pode ignorar em sua particularidade. Mas se esse grupo era o núcleo de um grupo numericamente muito mais importante, o que teria se passado? Eu por exemplo, eu me considero como fazendo parte dos próximos de Lacan: porque fiz análise com ele; porque apaixonadamente trabalhei, com outros, para que seu ensino não desaparecesse; porque eu consagro meus dias de estudo a trabalhar seus textos e valorizá-los no que ensino e em minha prática. Temo pela Srta R. que sejamos numerosos nesse caso.

3) **« Entre os analistas »** – a autora parece se excluir desta categoria: eu nunca compreendi se ela considerava que praticava a psicanálise ou não – *«isso toma por vezes uma expressão grave quando alguns dentre eles pensam que a leitura das obras dos psicanalistas não é a mesma se se é analisado ou não, se se pratica a psicanálise ou não... há aí uma ilusão: porque eles têm psicanalistas que são atravessados pela experiência da cura, estes*

*manteriam uma relação privilegiada com o texto do mestre. Não é necessário se deixar impressionar por esta atitude.»*

Estou surpresa: a Srta. R. se diz psicanalista e ela estabelece que fazer uma cura não é importante para esta disciplina. Freud não tinha colocado que era a única formação verdadeira para a psicanálise, para o psicanalista, aquele que vai dirigir as curas? Temo que aqui também, a Srta R zombe do mundo.

4) **Libération** oferece duas páginas inteiras de publicação-reportagem à Srta R enquanto um processo está em curso. Por que *Libération* não oferece duas páginas à Judith Miller para expor o sentido de sua ação atual na justiça, mas também seu trabalho no seio do Campo Freudiano ao qual, enquanto Presidente da Fundação do Campo Freudiano, ela devotou sua energia e sua vida?

\*psiquiatra e psicanalista em Bordeaux

---

## **-Jacques-Alain Miller na livraria Kléber em Estrasburgo em 22 de outubro de 2011-**

### **ANACOLUTO, por Armand Zaloszc**

350 pessoas ontem em Estrasburgo na *Salle blanche* da livraria Kléber, seguiram com uma atenção sustentada as propostas de Jacques-Alain Miller que veio apresentar o Seminário de Lacan...ou *pire*, a sequência de conferências *Je parle aux murs* e sua *Vie de Lacan*. O público, pendurado em seus lábios, se mostrou muito reativo a seu humor e apaixonado pelo que ele disse de sua relação com a psicanálise. A pergunta de uma pessoa da audiência, inesperada mas significativa de uma espécie de imagem congelada no ambiente de Estrasburgo, o conduziu a relatar em detalhes a sequência de acontecimentos que se concluíram, nos anos de 1980, pela dissolução da EFP e a criação da ECF. Jacques-Alain Miller valorizou com muita arte, ao longo de sua fala, o termo anacoluto, termo de retórica que designa uma ruptura na construção da frase, que ele tornou vivo ilustrando com múltiplos exemplos bem concretos. Como não destacar que sua vinda na presença do público esclarecido nas livrarias em toda a França podia então surgir como um acontecimento serial destacando em si mesmo um anacoluto? Jacques-Alain Miller nos prometeu voltar a Estrasburgo em 2012.

## Acolhida por Armand Zaloszcyc :

Há 30 anos, Jacques-Alain Miller oferece um ensino de psicanálise intitulado « A orientação lacaniana». A orientação, é saber onde se encontra, por qual caminho se chegou, em qual direção se vai. O que é um ensino no sentido da psicanálise? É transmitir um saber, o saber possível a transmitir, e nisto a psicanálise parece com a ciência. Mas é, no mesmo movimento, ficar na borda do que não se sabe, mesmo de um impossível a saber, problema antigo que já conduzia Platão a se interrogar sobre a *orthè doxa*, a opinião verdadeira. E é por este aspecto do saber como ignorância que a psicanálise se encontra em confronto com a religião.

Há 30 anos: eu os deixo a imaginar o que é preciso para isso, além da inteligência, do espírito de invenção – sair da rotina dos significados já estabelecidos – de energia, de perseverança e de coragem, sobretudo. Eu os deixo a considerar quantas gerações de alunos a que esse ensino permitiu se orientar na psicanálise. Vocês logo podem formar sobre isso seu próprio julgamento, pois Jacques-Alain Miller permitiu agora que seu curso seja publicado, e logo ele vai começar a ser.

A orientação lacaniana comporta então o espaço da decisão e do ato que implica o limite do saber. Isso quer dizer: o desenvolvimento da psicanálise, a invenção dos conceitos novos necessários pela prática. E isso não vai sem os instrumentos que são as Escolas de psicanálise do Campo freudiano: com a ECF, as escolas que ele criou na Espanha, na Itália, na Argentina, no Brasil, a NEL e, por último, a NLS cuja língua é o inglês, todas reunidas na AMP que compete agora com a IPA. Enfim, e *last but not least*, o estabelecimento por Jacques-Alain Miller do texto dos Seminários de Lacan. Hoje, ele vem em Estrasburgo na ocasião da publicação do Seminário *...ou pire*, e do pequeno livro de conferências *Je parle aux murs*, assim como pelo trigésimo aniversário da morte de Lacan, da publicação de sua *Vie de Lacan*, primeiros capítulos de um livro que aparecerá no início de 2012.

...

## RELATO DE UM 22 DE OUTUBRO EM ESTRASBURGO, por *Isabelle Galland*

22 de outubro de 2011, é a volta da seção clínica de Estrasburgo. Começamos pelo capítulo 7 de « ...ou pire » onde Lacan introduz as fórmulas da sexuação. E à tarde Jacques-Alain Miller vem nos apresentar justamente « ... ou pire », « je parle aux murs » e « vie de Lacan » na livraria Kléber. Na pausa alguém me interpela: « você vai lá esta tarde? ». A pergunta me parece tão incongruente que eu fico sem voz. A pessoa então continua: « Você

estava nas jornadas? Você escutou Jacques-Alain Miller na France Culture? Hoje à tarde será a reprise não? Eu, eu não vou lá não!». Fiquei siderada... Não é possível, é uma piada... não estou assistindo, «ao vivo », ao que Jacques-Alain Miller marcou nesses últimos tempos como o apagamento de seu nome ?

Esse paradoxo será retomado de cara, à tarde, na apresentação que fará Pierre Ebtinger de Jacques-Alain Miller na livraria Kléber: 300 pessoas estão lá – das quais uma centena permanecerá em pé na sala branca durante toda sua intervenção – embora o nome de Jacques-Alain Miller quase nunca seja pronunciado nos círculos de psicanálise em Estrasburgo – fora da ACF – claro. JAM apreende rapidamente esta contradição para nos dizer que retornará a Estrasburgo. Acabou o tempo em que seu esforço se voltava em direção somente ao ensino da psicanálise, bem como à edição do seminário de Lacan.



Ele nos prova isso em seguida, durante 2h assistimos a uma formidável elaboração de Jacques-Alain Miller, partindo do seminário « ...ou pire », para nos lembrar que Lacan o pronunciou há 40 anos e que ele não está de nenhum modo ultrapassado, que ao contrário isso prova o avanço que tinha Lacan em relação a seu século já que apenas começamos a entrever os conceitos fundamentais do ultimíssimo ensino de Lacan: o *yad'’un*, o UM, o um sozinho ... Jacques-Alain Miller nos precisa sua escolha de grampear esse conceito pronunciado uma só vez por Lacan, como o de « travessia da fantasia » que nos é tão familiar hoje. Depois ele desdobra o desejo decidido de Lacan, que não consistia somente a não gostar dos sinais vermelhos ou a abrir as portas das igrejas fechadas, mas que com sua subversão constante, ele nos deixa uma lição: não se contentar com ações que ronronam mas « ir procurar o coração que palpita nas instituições ».

Jacques-Alain Miller respondeu generosamente às perguntas da sala, dando-nos precisões sobre a dissolução da Escola Feudiana de Paris. Ele conclui lembrando esta verdade trivial mas frequentemente esquecida: « Conhece-se melhor Lacan lendo seus escritos que escutando os boatos ». Obrigada a JAM por esse momento de *bon-heur*. Esperamos revê-lo em breve.



---

· CRÔNICA ·

**A ROSA DOS LIVROS** por *Nathalie Georges-Lambrichs*

**DE CAMUNDONGOS E FALASSERES**

*Et nunc et Sempé.*

« Ah, era estranho! Eu me pergunto ainda como consegui sobreviver a esses momentos, foi um milagre » (p. 37). « O Mundo dos livros » desta semana indicou *Enfances* (edições Denoël e edições Martine Gossieaux, 2011) e longamente louvou a magnífica entrevista do autor com Marc Lecarpentier, da qual esta citação é extraída. Sempé não julga Jean-Jacques, filho ilegítimo e mártir, ele não o explica mais, ele o confessa, e a poção dos milhares e milhares de outros desenhos acumulados antes desta breve confissão opera com a magia do traço retido por um longo tempo, refinado por um recurso ético à mentira que preserva totalmente desprovido do espírito de vingança, desesperadamente saturado dele mesmo, como no primeiro dia. Sempé fez-se um destino de ser, como ele explica na p. 40-41, não um defeito na pureza do não ser, mas uma catástrofe ambulante, como todos os avatares que escaparam de seu lápis e são tomados nos traços que lhes faz balões tocantes das páginas e milagre repetido sempre com mais incandescência, não explodindo imediatamente, esperando nosso riso para desaparecer e retornar, milagre da pura perda que que perdura, a renovar com a moderação que impõe essa justeza. Jacques-Alain Miller tinha feito das corcundas um começo de série, em primeiro lugar a de Richard III, causa de seus crimes, depois a da bela corcunda de Casanova, tornada « não sei quê » ; o momento parece vir inscrever aí as corcundas da infância de Sempé em seu lugar. Volto sobre essas páginas 40-41 porque Sempé se mostra aí criança no espelho dos pequenos animais. Ele não os procura, ele os vê, ele os encontra, ele os salva: precisam de um menor que ele? Não creio, mas uma atenção da primeira hora (lembrem-se J.-A. Miller novamente, descrevendo os apetites insaciáveis da primogênita de suas netas em seus primeiros meses de vida) que escapou (milagre?) do famoso corte da idade da ciência – ou que é refratário a ela, dejetado deixado pra trás, rebento entregue a própria sorte e fazendo série com outros dejetos.

## ***Era uma vez um homem***

John Berger (*Por que olhar os animais?*, 2011, edições Héros-limite, coleção « Feuilles d'herbe ») inventa um homem que cansado de dividir seu (raro) pão com os camundongos e caindo em seu celeiro sobre uma velha ratoeira, os captura. Sim, ele os captura, um por um, aterrorizados e ilesos (o sistema de retração de um muro que cai e faz da gaiola-armadilha prisão é minuciosamente descrito, que não machuca nem mata). E eis que esses camundongos, eles não são iguais. Para que todos os meninos sejam iguais, por que eles são apenas um, é preciso o lápis mágico de Sempé. Mas quando Jean-Jacques quer salvar (em vão) uma borboleta do afogamento, foi exatamente esse, nesse dia, preso em sua desventura, seu infortúnio, e a memória inveterada da testemunha.

## ***Festim – destino***

Sem dúvida, vistos de longe, à noite, mesmo à luz da lua quando ela se faz parceira do narrador em « La fête des souris » (relato do encantador Bobrowski a aparecer na próxima tirada da revista *Po&sie* numa nova tradução de Fernand Cambon) todos os camundongos são cinzentos, conzentos e sábios: tendo lido Hegel, eles se fundem na cor da noite de lua para abrir caminho ao jovem soldado, o Alemão, aquele que, único em seu gênero ou de sua espécie, sustenta toda a dialética e, quem sabe? Relança-a.

Enfim, tal era talvez a esperança de Moisés que dividia seu pão com o pequeno povo dos *Maüse* (camundongos em alemão). Mas a lua, ela, grande especialista da mentira, já sabia disso mais que Moisés de quem o esquecimento se estendia em sua viva companhia.

---

▪ CRÔNICA ▪

**POESIAS ATUAIS** *par Hervé Castanet*

**« ELA ACRESCENTA SIGNOS AO OBSCURO »**

**SOBRE PIERRE-YVES SOUCY**

« É o que quer dizer epopéia, por onde Lacan designava esta narração do que lhes acontece, contingente, imprevisto, de encontro, e que a análise os convida a tecer, a fazer significar além do fato bruto. E o que, em cada seção de análise, cada seção que nela mesma dá seu lugar, favoriza, convida, a esse esforço de poesia. »

Jacques-Alain Miller, *Curso de 26 de março de 2003*.

Três versos de Henri Michaux servem de balizas a esse pequeno livro (a paginação é ausente — num lance de olhos: umas trintas páginas) de Pierre-Yves Soucy, *Le Jour devancé*, publicado em 2009\*: «Em vão se arranhava/a porta do futuro/e o presente urrava.» O que é que urra no presente (= daquele que escreve essa poesia) que faz com que ele pese, está aí e torna todo avanço vão – um presente que paralisa? A resposta é enumeração: «asas cortadas», «uma rachadura», «ruínas», «o rosto abandonado», «o pântano das palavras», «os ácidos da dúvida», «a incerteza pesa sobre a carpintaria da tempestade», «o que é dado [...] se destrói», «se desacordam os laços», « [...] a solidão da antecedência nunca recaída», « o olho se congela », « o sem fundo se rende», « se perdem as palavras», etc. O fim de *Jour...* diz outra coisa que não o início? Há uma história que cria um antes e um depois, um progresso temporal? Colocar esta questão parece sempre uma evidência: há uma escritura, as palavras se localizam de maneira cursiva, é preciso um certo tempo para lê-las da esquerda pra direita, página após página. Então se supõe uma continuidade, uma passagem, um caminho percorrido – Roma não está longe já que todos os caminhos levam a ela. Sempre se é livre para psicologizar (= aqui onde o pensamento se estupidifica, se gelifica, como quando no mito antigo Acteão, o belo caçador que encarna o falo até a caricatura, é aspergido pela deusa, Diana (Artemisa), e imediatamente é transformado em cervo. Ovídio gosta, em suas *Métamorphoses*, de nomear esse instante onde o brilhante jovem, ágil e vivo, experimenta o silêncio que o invade – seu pensamento se perturba, as palavras não podem ser pronunciadas, os sons articulados faltam, o pensamento mesmo escurece no mundo da animalidade.) : aquele que enuncia, porque ele diz, produz um movimento privado, subjetivo. Justamente o presente é empregado: necessariamente o tempo de uma enunciação *produz* (=presente) seu efeito subjetivo. O condicional seria mais justo: *deveria produzir...* Mas, não, a causalidade psicológica tem a última palavra e o leitor do texto de Soucy, a despeito de si mesmo (quer dizer levado por sua própria estupidez triunfante) procura os efeitos, os desenvolvimentos da verdade. Então, ele usa os olhos e não acha nada daquilo: não há tempo para compreender nem o momento de concluir. Há o instante de experimentar. O que? Sim experimenta-se isso: « falta o corpo». Acrescenta-se isso : «nada detém [...] o mutismo da solidão dispor de seu estupor». Em outras palavras, o texto nomeia uma experiência, uma única – a mesma do início ao fim e é uma ausência. A



ausência é dita de dez, vinte, trinta maneiras. Há o *real* da ausência – a ausência como um real insensato, sem lei, fora do sentido. Ele encontra aquilo que está aí, que está aí a um título preciso, que está aí há muito tempo. Se o real – esse real da ausência – encontra o que está aí é porque esse real é o seu: é o que para ele faz ausência, será a rainha da noite – «a noite/o dia à frente/cega a infância/uma tempestade terrificada/um espaço se rompe.» Nela «uma geometria do frio que escuma». Mas o que é ausência e surge com suas presas à noite com o frio («o rosto abandonado/ele fala sozinho/na solidão do sopro sobre as mãos.»), «sob as cofragens do frio/a violência escova.», «a grama gelada», «as geadas», «a dor da neve», «o prisma desenha a chuva»? Ou então: quem é o ausente ou a ausente? Devemos dizer a *ausente* em vez de o ausente? Aquele que diz/escreve se coloca sob o pronome pessoal *ele* (= «ele fala sozinho») – ele não insiste. É preciso procurar esse *ele* pois pouco escreve; ele se apaga. A ausência é provavelmente apoiada, encarnada, por esta *ela* (= «ela acrescenta signos ao obscuro») tão fraca (como uma chama que não se sustenta, que é preciso reacender ou que se decide não reacender) que talvez a gramática faz hesitar; esse pronome *ela* é uma mulher, uma mãe ou um desses nomes femininos (é uma mulher ou uma mãe que «acrescenta signos ao obscuro» ou é a noite («o desnudamento da noite) que *ela* retoma e que «acrescenta [...]») tornou-se sujeito. Uma mãe? Porque é feita referência à infância, às lembranças, ao nascimento («fragmento após fragmento /o nascimento recalcado /a infância tomada para alvo/a infância devastada/ tornou-se o vazio.», «cristais de infância do cais das paisagens»). Porque o erotismo está excluído da descrição – dos corpos, dos encontros, do desejo. Uma única prova então captada em suas apresentações até o momento em que o corpo desta *ela* se torna perda: «já ela se afasta/ela cobiça tudo o que ela decompõe /a nudez de si mesma /a pressentida. O presente continua a urrar – o tempo está bloqueado sobre esse presente (=ausência, perda) – verificando o verso de Michaux: «amanhã escapa novamente». Aquele que escreve terá liberado esse real desta «floração sem fim»... Qual é o efeito para a poesia? «sufocação da lira» deixa escapar admiravelmente Pierre-Yves Soucy – «os cacos da ignorância/se dispersam/depois tudo recomeça.» Quem quer saber o que é o *real de um instante* lerá então cada verso, de página em página, do *Jour devancé* sem outra esperança que aquela da palavra que clama: *motus!* Tal é o esforço de poesia (Lacan) que trabalha no *Le Jour devancé*.

**\*Pierre-Yves Soucy, *Le Jour devancé*, Besançon, La Montagne froide, 2009.**

*Pierre-Yves Soucy nasceu em 1948 em Québec. Universitário, poeta e ensaísta é diretor das edições La Lettre volée, do Cormier e da revista L'étrangère. Publicou mais de quinze livros de poesia e numerosos ensaios sobre a literatura, a arte e a cultura contemporânea. Vive atualmente no México.*

---

## LE NOM DES AMOURS (I), *par Laure Pastor*

Quantas coisas é preciso ignorar para agir, e diz-se que o amor dá asas? Já pequeno bem malcriado que aquele que diz *eu sei te amar!* Sempre também *rondouillard* demais para verdadeiramente pretender avançar do lado de um - *venha por aqui eu vou te dizer o que é...* O começo pode parar aqui, saciado como se os malandros tivessem definitivamente chegado. Se os empurraria de um só pontapé e eles não parariam de rolar. Então uma análise, uma pesquisa, a psicanálise como se endereça ao amor? Não ceder de seu desejo muito bem, mas estamos todos verdadeiramente decididos a transpor o impossível de que se trata enfim de jamais cessar de começar analisar? – o termo descoberta seria aqui mais apropriado – e de se agarrar à sua descoberta como se mantém em sua montaria, seu tesouro, seu amor, para não cair e caindo montar novamente já que aqui não se poderá ceder jamais. Certos cavaleiros (quando outros montam em mulas quando é preciso também saber se aliviar na piada) se aventuram na cascata, são sobretudo os prazeres da queda que são os mais belos a olhar. O amor sabe justamente que uma idéia é um choque do belo contra o tempo, e que não é dado a todos ter uma idéia, como encontrar esse dia onde o tempo viria com um tapinha nas costas dizer-lhes – *meu querido vou ajudá-lo...* O amor não tem mais ideal do que o do comunismo que nos confisca a verdade, ele não conhece a igualdade já que elege e precipita cada dia mais o tempo numa corrida que se disputa na eleição, esta precipitação tem o som de uma erótica. Sem anular todas as idéias de reunião e quando uma idéia encontra seu homem: uma história de amor pode começar. Quando ela cai na energia viva capaz dela, quando ela experimenta sua força, quando ela o faz crer que ela é ele mesmo (inteligência dos semblantes), quando ela se torna sua esposa, quando ela se submete a ele, ele se rende a ela, então rara oportunidade: -o homem, - a ocasião, - a idéia... Coisas grandes vão acontecer. A palavra amor, como a palavra *delícia e órgão*, mudam de gênero no plural. Escutam-se todos trêmulos a promessa de sinfonias. Lacan amava as mulheres? *Certos amores são deliciosos como o vinho* (Cântico dos Cânticos, A bíblia). Como seria aqui impossível, quando o impossível é um começo incessante, fazendo sequência à instantaneidade de uma idéia, uma mulher nos conduzindo a outra mulher, como a sequência do desenvolvimento do pensamento que não pode prever a si mesmo, embora possa prever

seu retorno, uma mulher não é imprevisível? Quando seu desenvolvimento quase já não é mais ela. É impossível “universalizar o pensamento”, eis aqui também sem dúvida porque *A mulher não existe*, e porque Lacan devia amá-las. A posição de analista como resposta de amor? A histeria em declaração... A guerra faz raiva num «certo mundo de idéias» em mal de espírito querendo inventar «o universo», esse poder, de um só golpe, de uma só palavra, afrontar, fechar, e portanto consumir todas as coisas, contra todo um outro mundo – Ah! O do amor! Esta posição louca a sustentar suficientemente longe de suportá-la deve ser bem paga no fim de cada sessão, para que ela se apreenda, desde que ela possa fazer recuar seu pequeno pedaço de real intragável.

---

## ▪ CORREIO ▪

**Paola Francesconi** ▪ Cher **Jacques-Alain**, é com alegria que eu lhe anuncio o sucesso da jornada do **Forum SLP** que aconteceu ontem em Milão. A participação foi muito satisfatória: 150 pessoas no total, vindo da Escola mas também pessoas externas ao meio da psicanálise, e notadamente estudantes. Com meu apelo por Rafah – uma bela foto dela estava afixada na entrada – recolhemos 74 assinaturas, das quais as de quatro convidados externos: Massimo Amato, Professor de história da moeda na Università Bocconi di Milano, Carmen Leccardi, Professora Ordinária de Sociologia da Cultura na Università di Milano-Bicocca, Monsenhor Agostino Marchetto, Secretário do Pontifício Consiglio dei Migranti, Anita Sonogo, Conselheira Comunal em Milano e Presidente da Comissão Pari Opportunità. É a primeira vez que se consegue uma troca com especialistas de outras disciplinas com tanta autenticidade e uma ausência de preconceito. Sua, Paola.

**Pierre-Gilles Gueguen** ▪ Caro **Jacques-Alain**, acabo de chegar. Um **Forum** bem preparado por um "*dibattito*" notável, textos já fornecidos no *Appunti numéro spécial*, interventores verdadeiramente bem escolhidos, convidados de grande talento: uma mulher que faz parte do conselho da cidade, uma socióloga universitária feminista, um Monsenhor encarregado pelo Vaticano da pastoral, pessoas imigrantes ou em trânsito, e sobretudo um jovem economista professor em Bocconi e brillantíssimo. Ele tem um livro publicado na Itália e vai me enviar para que eu examine na versão francesa. Eu lhe deixo ao corrente. O « laço/discórdia » entre a psicanálise e o mundo tal como não evolui foi claramente valorizado. O que eu mais temia, é que se escuta dois discursos paralelos. Sem nostalgia, sem

pessimismo. Um fórum virado para o futuro. 150 pessoas inscritas, 72 novas assinaturas por Rafah dentre as quais a do Monsenhor, e dos universitários convidados. O público estava muito interessado e muito atento e os organizadores satisfeitos. No próximo ano Bolonha se coloca como candidata, o tema fica a decidir. Um bravo todo especial à Paola e a Isabella Ramaioli que sustentaram com brio as rédeas da organização logística. Havia aqui uma Escola. PGG.

### **Tania Coelho dos Santos: Comentário sobre a titularização de Élisabeth Roudinesco**

Caro **Luc Miller**, depois da leitura de seus comentários, endereço-lhe algumas informações sobre ER. Encontrei ER durante meu primeiro pós-doutorado em Paris VII sob a direção de Pierre Fedida em 1994/95. Ela estava encarregada do curso como professora de férias. Em 1999, ela me convidou para fazer parte do Juri da tese de doutorado de sua aluna Claudia Fernandez Bodin. Alguns anos mais tarde, ER passou em um concurso para dirigir teses na École des Hautes Études en Sciences Sociales. Bem entendido, não concordo com ela no que diz respeito às suas acusações contra sua mãe. Cordialmente, Tania Coelho dos Santos\*.

\*Membro da EBP/AMP

Professora do 3º ciclo em teoria psicanalítica na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Diretora de Pesquisa no Conselho Nacional de Pesquisa do Brasil.

---

## **Lacan Cotidiano**

**publicado por navarin editor**

**INFORMA E REFLETE 7 DIAS EM 7 A OPINIÃO ESCLARECIDA**

presidente **eve miller-rose** [eve.navarin@gmail.com](mailto:eve.navarin@gmail.com)

editora **anne poumellec** [annedg@wanadoo.fr](mailto:annedg@wanadoo.fr)

redação **kristell jeannot** [kristell.jeannot@gmail.com](mailto:kristell.jeannot@gmail.com)

designers **viktor&william francoizel** [vwfcbzl@gmail.com](mailto:vwfcbzl@gmail.com)

computador **mark francoizel & family**

lacan e livrarias **catherine orsot-cochard** [catherine.orsot@wanadoo.fr](mailto:catherine.orsot@wanadoo.fr)

mediador **patachón valdès** [patachon.valdes@gmail.com](mailto:patachon.valdes@gmail.com)

**Tradução: Ruskaya Maia**